

A QUESTÃO DO PLANEJAMENTO E DA METODOLOGIA NUMA PERSPECTIVA DIALÉTICA DE EDUCAÇÃO*

Adão José Peixoto**

A prática pedagógica não pode ser uma atividade aleatória, mesmo que o professor domine os conteúdos específicos de sua disciplina. É necessário que esta prática seja uma atividade planejada e com método. No entanto, não pode ser qualquer planejamento e qualquer método.

O método, por exemplo, precisa ser um método dinâmico que possa estimular nos alunos o espírito de curiosidade e de autonomia e não um método que venha reforçar o comportamento passivo e dócil. Se não for um método que historicize os conteúdos, relacionando-os com a realidade concreta, ele acabará por transformar os conteúdos em elementos abstratos e sem sentido.

O que se observa no cotidiano das atividades dos professores é que uma grande parte destes faz escolha de conteúdos, objetivos e estratégias de forma aleatória e mecânica, num eterno círculo vicioso do "colar", isto é, num eterno copiar mecanicamente o que foi planejado nos anos anteriores. Isso vem mostrar que falta ao professor uma compreensão do seu papel enquanto educador e enquanto sujeito do processo histórico.

Os planejamentos elaborados por uma grande parcela dos educadores apresentam-se de forma estratificada, sem a preocupação de se estabelecer uma relação orgânica entre o seus vários elementos. Desta forma, os objetivos educacionais, por exemplo, são apresentados sem o professor ter clareza do que pretende com sua prática pedagógica, o que resulta num amontoado de objetivos confusos e desvinculados da realidade social.

O mesmo ocorre com os conteúdos, que são selecionados sem se considerar os interesses e necessidades dos educandos.

A professora Antonia O. Lopes constata que, "No meio escolar, quando se faz referência a planejamento do ensino, a idéia que passa é a que identifica o processo através do qual são definidos os objetivos, conteúdo programático, os procedimentos de ensino, os recursos didáticos, a sistemática

* Texto extraído da dissertação de Mestrado "Alienação e educação: a divisão do trabalho como alienação da atividade docente", defendida junto ao Instituto de Filosofia, da PUCCAMP

** Professor do Departamento de Educação da FCT/UNESP.

de avaliação da aprendizagem, bem como a bibliografia básica a ser consultada no decorrer de um curso, série ou disciplina de estudo. Com efeito, este é o padrão de planejamento adotado pela grande maioria dos professores e que, em nome do ensino disseminado pela concepção tecnicista de educação, passou a ser valorizado apenas em sua dimensão técnica" (in VEIGA, 1988, p.42). Os componentes do plano de ensino, nesta perspectiva, são tomados de forma estanque entre si e do todo social.

Numa perspectiva transformadora, o processo de planejamento extrapola a mera preocupação com os componentes de um programa de ensino. O planejamento passa a ser uma integração dialética entre os componentes curriculares e a realidade política, econômica e social em que os educandos estão inseridos.

A concepção dialética de educação advoga, no processo de planejamento, que se estabeleça uma ruptura da forma como tem sido encarada a questão do método. É necessário romper com a prática que reifica o uso do método, até que ponto este tem um valor em si mesmo, e qual é o significado do emprego do método pelo método.

O que se tem constatado é que os procedimentos didáticos adotados por grande parte dos professores têm negado o próprio significado do método. Método significa um caminho, um meio consciente e racional, cujo objetivo é atingir as metas pretendidas. Nesse sentido é oportuna a afirmação de Rays de que "o método traz dentro de si a idéia de uma direção com a finalidade de alcançar um propósito, não se tratando, porém, de uma direção qualquer, mas daquela que leva de forma mais segura à consecução de um propósito estabelecido" (In: VEIGA, op.cit. pp. 84-5).

Entendida e praticada desta forma, a metodologia recupera a unidade dialética entre teoria e prática que o formalismo burocrático tem dissolvido, já que, nesta perspectiva, é uma atividade consciente que visa atingir determinados objetivos que foram previamente definidos, não de forma estática, mas dentro do dinamismo da própria realidade.

Para que os métodos de ensino possam também contribuir para o processo de transformação social, eles devem "considerar em seus determinantes não só a realidade vital da escola (representada principalmente pelas figuras do educador e do educando) mas também a realidade sócio-cultural em que está inserida" (RAYS, op.cit., p.86).

O próprio livro didático, se for considerado nesta dimensão dialética, poderá constituir num dos importantes instrumentos de trabalho do professor. No entanto, o que tem ocorrido é uma absolutização do livro didático. Ele tem sido o único instrumento de trabalho de uma grande parcela dos professores, porque dentro das atuais condições de trabalho às quais o professor está submetido, com uma estafante jornada de trabalho, além de uma

precária formação, muitos optam por adotar o livro didático como único instrumento de trabalho porque ele já traz tudo pronto, cabendo ao professor receitar suas lições aos alunos e, a estes, decorá-las e reproduzi-las tal como são apresentadas.

O livro didático, como disse a professora Maria B.S. Cecília Caporalini, "... apenas propõe caminhos, estimula buscas, sugere roteiros que, no entanto, podem despertar amplas e fecundas possibilidades..." (in VEGA, 1988, p.98). Portanto, a utilização do livro didático sem considerar estes aspectos, limita a prática pedagógica, tornando-a repetidora de algo já planejado e sem vinculação com a realidade concreta dos educandos.

Como a maioria dos livros didáticos apresenta uma leitura parcial da realidade, quando assumidos como os únicos instrumentos de trabalho do professor, eles acabam tornando a escola desinteressante e apática, pois os conteúdos por ela transmitidos são desvinculados do cotidiano dos alunos.

Quando considerados como os únicos instrumentos de trabalho do professor, e por apresentarem uma leitura parcial da realidade, os livros didáticos passam a se constituir num poderoso instrumento ideológico, na medida em que ocultam aos alunos a uma visão de conjunto da própria realidade. Se o professor não utilizar outros recursos didáticos para preencher as lacunas deixadas pela parcialidade do livro didático e não apresentar um contradiscurso, o seu trabalho acabará por inculcar a ideologia dominante e por reforçar as estruturas de dominação.

Numa perspectiva transformadora, os conteúdos escolares devem ser considerados na sua historicidade, ou seja, na sua dimensão concreta e dinâmica, o que tornará possível revelar as contradições da realidade e apreendê-la enquanto totalidade.

Referências Bibliográficas:

- CAPORALINI, Maria B.S. Cecília. Na dinâmica interna da sala de aula: o livro didático. In: VEIGA, Ilma P.A. (coord) Repensando a didática. Campinas: Papirus, 1988.
- LOPES, A. Osina. Planejamento do ensino numa perspectiva crítica da educação. In: VEIGA, Ilma P.A. (coord.). Repensando a didática. Campinas: Papirus, 1988.
- RAYS, Oswaldo Alonso. A questão da metodologia do ensino na didática. In: VEIGA, Ilma P.A. (coord). Repensando a didática. Campinas: Papirus, 1988.